ANNO XII — Quinta-feira 20 de Julho de 1893 — NUMERO 652

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura
Aveiro: 100 numeros, 2$000; 50, 1$000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 numeros, 2$250; 50, 1$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 numeros (moeda forte), 4$500.—Pagamento adeantado.—Avulso, 20 réis.

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS
Redacção, Administração e Typographia
Espirito Santo, 71

Preço das publicações
Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Communicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

AVEIRO

UMA REPRESENTAÇÃO

—

A representação da Associação Commercial de Lisboa, sobre a qual já nos podemos pronunciar, porque já tivemos occasião de a lêr, não dá motivo nenhum ás indignações de que se deixaram possuir os militares que teem assento na camara dos pares, e, com elles, o sr. ministro da guerra. Póde ser, se quizerem, menos atilada, menos judiciosa, menos exacta. Mas não contém offensas ou injurias que requeiram desaggravos ou protestos violentos.

No geral, a representação está bem escripta, com criterio e acerto. Mas soffre dos vicios de todas as coisas na nossa terra: tem *doutorices* de mais.

Assim, sobre o exercito os signatarios da representação tanto disseram que, além de cahirem em erros palpaveis pela mania das *dissertações*, ninguem chega a comprehender o que elles querem. Querem exercito propriamente dicto? Querem policia militar? Se seguem a orientação do sr. Marianno de Carvalho, querem exercito, embora sem os ridiculos, sem as despezas superfluas, sem os prejudicialissimos contras da nossa organisação actual. Se seguem o sr. Alfredo Brandão, querem simplesmente policia militar, o que faz sua differença.

Por um lado gritam: o exercito não serve para nada. Por outro lado clamam: reforme-se o exercito.

Por um lado sustentam que se póde fazer, no respectivo orçamento, uma economia de dois mil contos. Por outro lado registam a voz corrente de que o orçamento da guerra é falsificado nos mesmos dois mil contos.

Querem que o paiz se divida em regiões militares ou circumscripções, e o paiz está dividido n'essas mesmas regiões ha muito tempo. Querem o recrutamento regional a fim de evitarem as *transferencias prejudicialissimas* dos homens da Beira ou do Minho para o Alemtejo e Algarve, e esse recrutamento é precisamente o recrutamento em vigor. Querem escolas de tiro e exercicios militares para os rapazes dos dez aos vinte annos, e, ao mesmo tempo, sustentam que um exercito em Portugal não serve para nada, já porque o paiz não tem a temer investidas quando se dér a futura conflagração europeia, e, se fôr victima de alguma investida, ha de morrer sem que *uma só voz se levante a protestar*, já porque o nosso exercito não corresponde a uma necessidade das nossas condições geographicas, já porque as nações pequenas hão de ser *papadas* sempre que as quizerem *papar*, e citam para exemplo a Polonia e os pequenos estados germanicos, já porque os exercitos pequenos não podem luctar com os grandes, já porque, emfim, não temos adversarios provaveis como os tem a Suissa e a Belgica. E, depois, justificam as despesas militares d'estes dois pequenos paizes!

Mas se as nações pequenas são necessariamente comidas pelas grandes e se os exercitos de quinhentos mil homens não podem resistir aos de dois milhões de soldados, como applaudir ou justificar as despesas guerreiras da Suissa e da Belgica?

Tudo consequencias da rhetorica. Se os senhores signatarios da representação da Associação Commercial de Lisboa, que se vê serem homens de merecimento, não quizessem saber de tudo, e olhem que de tudo ninguem sabe, e escrevessem menos, porque falar muito e escrever muito é sempre um perigo, necessariamente haveriam feito um trabalho completo. Assim, comprometteram um pouco a sua obra.

Comprehender-se-hia toda a rhetorica gasta a provar a inconveniencia d'um exercito em Portugal, se os signatarios fossem federalistas ibericos. Mas parece-nos que o não são, ou, se o são, fizeram mal em o não declarar. O modêlo que tomaram, pelo menos, o sr. padre Brandão, não o é.

Comprehendemos perfeitamente o sr. Theophilo Braga e o sr. Eduardo de Abreu a dizer-nos: «Se ámanhã a Hespanha vier sobre nós, Portugal ha de morrer, sem que *uma só voz se levante a protestar;* não temos dinheiro para sustentar uma armada e um exercito, que defendam a nossa independencia e a integridade das nossas colonias; por conseguinte, o unico recurso airoso e digno que nos resta é uma federação com os estados hespanhoes.» Mas o que não comprehendemos é o sr. Alfredo Brandão, cujo temperamento forte, aliás, nos desperta sympathias, a gritar contra o iberismo e a proclamar ao mesmo tempo a insufficiencia e a inutilidade d'um exercito portuguez. E o que dizemos de s. ex.ª dizemos dos signatarios da representação a que nos vimos referindo.

Não; os federalistas, se argumentarem como dizemos atraz, são perfeitamente coherentes, perfeitamente logicos. Admittida a verdade das premissas, é rigorosamente verdadeira a conclusão. Mas quem não é logico nem coherente é aquelle ou aquelles que não querendo exercito, que não achando necessidade d'elle *nas condições geographicas do paiz*, nem em ambições ou ameaças de povos estranhos, que julgando Portugal impotente para a defesa, ou fatalmente condemnado a morrer, andam pelo mundo a dar vivas á *independencia nacional* e a chamar *traidores* aos federalistas.

Não serão d'estes os signatarios da representação e certamente que um d'elles, o sr. Casimiro Freire, não o é. Mas tambem nem todos elles serão federalistas, e, em qualquer caso, melhor fôra falarem sem rodeios.

No estado presente do paiz, o que ha a censurar é a despesa enorme que o orçamento da guerra attribue a um exercito incapaz da sua missão. Das duas, uma: ou o exercito custa realmente cinco mil contos e n'esse caso é estupendo que os poderes publicos dispendam n'um pessimo exercito o sufficiente para termos um exercito de primeira ordem, porque o teriamos com uma organisação democratica, nos moldes da Suissa, embora não fosse obra d'um dia, e com boa administração, ou o exercito custa muito menos do que aquillo que o orçamento da guerra lhe attribue e temos um crime commum previsto pelos codigos e leis de todo o mundo.

Em qualquer caso, é aos poderes constituidos que se deve pedir a responsabilidade d'esse grande desleixo e má administração ou d'esse grande crime.

Se a Associação Commercial limitasse a este ponto as suas criticas, e não passasse em silencio outras despesas completamente improductivas, bem mais improductivas que as do exercito, como é tudo quanto se gasta com bispos, conegos, meninos do côro e enxota-cães, se a Associação Commercial tivesse tido a coragem de pedir o cumprimento da lei pelo que respeita aos bens da nação convertidos em coios e recreio jesuiticos, bens que, vendidos, ainda renderiam alguns milhares de contos, a sua representação, onde ha verdades amargas, dictas com independencia e altivez, que honram os seus auctores, verdades amargas a respeito do proprio exercito, sem serem de molde a provocar a indignação de nenhum official, conscio da justiça e livre de preconceitos de classe, seria um trabalho completo. Assim, havemos de confessar que ficando prejudicado por um lado deixa a desejar pelo outro.

E', pelo menos, a nossa opinião.

FACTOS E COMMENTARIOS

—

Pela antiga contribuição industrial, lei de 1888, o emprezario de açougues tinha em Aveiro a taxa de 16$500 réis; pela lei fuschinacea passou a 30$000 réis. Nas mesmas circumstancias estão os advogados, os marceneiros (fabricantes de moveis de madeiras de estimação) e os medicos.

Os mestres d'obras, esses passaram de 10$000 a 30$000 réis!

Fuschini, um trapalhão que não deu provas de criterio em coisa nenhuma, parece que obedeceu, n'este exaggerado augmento de contribuição aos mestres d'obras, ao principio de sobrecarregar os proprietarios, não reparando que, no fim de contas, os mais sacrificados são os operarios. As edificações novas pouco lucro estavam dando ultimamente. Accrescendo a isto a circumstancia de muitos predios em Lisboa terem ficado sem alugadores nos ultimos semestres, o resultado fatal, para que as novas contribuições ainda vão concorrer, será o retrahimento, no que toca a edificações, dos capitalistas de todo o paiz, em Lisboa princpalmente, e, por conseguinte, a falta de trabalho.

Um barra, aquelle socialista-collectivista!

Mas continuemos.

Como já vimos n'outro dia, as boticas, ramo de industria geralmente rendoso, ficaram na mesma classe d'outros de muito menos lucros. Porém, ainda mais saliente é a falta de distincções entre as mesmas boticas. A pharmacia Azevedo, Irmão & Veiga, por exemplo, que tem alguns doze caixeiros, está sujeita á mesma taxa que outras que não teem caixeiro nenhum. Pois não é uma injustiça revoltante? Pois tendo o sr. Fuschini estabelecido para as mercearias, alfayatarias, sapatarias, marcenerias, etc, classes differentes, conforme o numero de caixeiros, officiaes, ou cathegorias de estabelecimentos, não é de admirar que não fizesse o mesmo para as boticas? Porque o não fez? Tem sombras de justiça, sequer, o facto de qualquer boticario do bairro de Alfama, em Lisboa, que é unico no seu estabelecimento, poder pagar tanto como o Azevedo, Irmão & Veiga, o Azevedo & Filhos, ou qualquer das grandes casas que fazem lucros fabulosos? Embora os gremios possam fazer reparações, desde que a taxa, a classe, é a mesma, o legislador attribuiu a todos os boticarios eguaes deveres e responsabilidades.

Mas vamos continuando sempre.

Os gravadores, com estabelecimento ou officina e machina a vapor, que pela lei de 1888 pagavam em Lisboa 11$000 réis, passam a pagar, pela lei fuschinacea, réis 90$000!

Pois alguem dirá que o socialista-collectivista não seja um amigo dos operarios e artistas?

Os administradores de emprezas litterarias, pobres emprezas n'um paiz de ignorantes, que, em Lisboa, pagavam 22$000 réis, passarão a pagar 90$000, sem duvida porque a litteratura é a coisa mais *rendosa* que ha n'este paiz!

Os alfayates de medida, com estabelecimento, que pagavam em Aveiro pela taxa de 10$000 réis passarão a pagar pela taxa de 17$000 réis.

A Associação Commercial de Lisboa, na sua energica, vigorosa e, em muitos pontos, justissima reclamação, demonstra que, ao passo que um industrial estrangeiro, com fabrica de tinturaria e estamparia, pagará 600$000 réis de contribuição, um portuguez pagará 22 contos de réis!

E' lá possivel que as nossas industrias se aguentem?

Pela fórma porque está distribuido o imposto bancario, diz a mesma Associação Commercial que os bancos e casas de credito estrangeiras ficarão *completamenta isentas de imposto*. Ao mesmo tempo, os tres primeiros bancos do paiz ficarão pagando 21 contos de réis, em média, cada um!

O patrioteiro, que, na Liga Liberal, não fazia senão berrar contra os estrangeiros!

«Durante o ultimo anno, diz ainda a Associação Commercial, cerca de quatrocentos estabelecimentos fecharam, por não realisarem transacções que lhes déssem para viver, quanto mais para pagarem as pesadissimas contribuições que já oneram o commercio. E não se julgue que exaggeramos, dizendo que cerca de quatrocentos estabelecimentos fecharam; quem quizer póde verificar pelas licenças que foram entregues na repartição competente da camara municipal.

Na propria rua Garrett (Chiado), rua do Ouro, e outros verdadeiros centros do mais importante commercio, apparecem hoje estabelecimentos com escriptos, que ninguem arrenda, quando ainda ha pouco tempo, só pelo trespasse da chave d'essas lojas se davam contos de réis!

O proprio commercio de vinhos —principal fonte da nossa receita e principal genero da nossa exportação — está a definhar-se, pelas doenças dos vinhedos.

Gados não os temos com abundancia, por falta de pastagens. Importamos do estrangeiro em média annual 34:000 cabeças de gado vaccum. Como se não nos bastassem todas estas desgraças, ainda as ultimas tempestades vieram reduzir á fome numerosas familias.

A industria nacional, mal começa a viver, é carregada de tributos, porque entre nós só se procura o que mais ha de ser tributado, e a industria morre, semelhantemente á arvore que o inexperto lavrador começa de tronchar, ainda antes de ella dar fructo: de fórma que á proporção que a contribuição industrial vae subindo, a materia collectavel vae desapparecendo. Provam-n'o as ultimas estatisticas. E todavia os nossos financeiros, os nossos homens publicos nem sequer reparam n'este gravissimo prejuizo; preoccupa-os demais a ancia de lançar tributos, sem curarem das desastrosas consequencias d'esses tributos.»

Verdades, grandes verdades! O peor é que ninguem as ouve. Só se fôr a tiro!

Pois para ahi marchâmos a passos de gigante.

*
* *

O sr. José de Alpoim protesta que não quiz offender o sr. Teixeira de Queiroz, quando disse na camara ao sr. Jacintho Nunes, que não falasse em syndicatos sem olhar para os correligionarios que se sentavam ao seu lado.

E chama, no *Primeiro de Janeiro*, *grande talento* e *homem de bem ás direitas* ao sr. Teixeira de Queiroz!

Ora, pois está claro. Todos os syndicateiros, exceptuando o conde de Burnay, são *homens de bem ás direitas*, n'esta terra. Mau, é só o conde de Burnay. Attentatoria dos interesses e da dignidade publica, é só a Companhia dos Tabacos. A Companhia Real dos Caminhos de Ferro de Norte e Léste, essa é o sacrario da honra nacional. Por conseguinte, os syndicateiros que a commandam, são umas vestaes!

"A nossa rehabilitação civica deante da consciencia e deante do mundo, deverá comprehender n'um largo capitulo o *patenteamento* de todos os escandalos, de todas as irregularidades que se teem praticado durante o ultimo largo periodo de governo monarchico-constitucional. Os culpados que sejam punidos com as leis e com o despreso publico. E' a terrivel justiça da historia, que falará, dura e inexoravel! E' forçoso acabar-se, d'uma vez para sempre, com todas as causas occultas do aviltamento do nosso caracter, do desperdicio da riqueza com tanta paciencia accumulada pelos obscuros e do retrahimento criminoso da nossa educação intellectual.„

Assim escrevia em 1881 o sr. Teixeira de Queiroz!

Pois ao homem que, depois de reclamar o *patenteamento* de todos os escandalos, ao homem que, depois de julgar *forçoso* acabar-se d'uma vez para sempre com *todas as causas occultas do aviltamento do nosso caracter, do desperdicio da riqueza*, se metteu no syndicato do Caes dos Soldados, uma das fortes causas d'esse aviltamento e d'esse desperdicio, ao homem que, depois do seu partido se ter empenhado n'uma lucta tenaz pelas incompatibilidades parlamentares se vae sentar na camara, com um cynismo incrivel, sendo membro da direcção da mais escandalosa companhia do paiz, desprezando assim, não só a propaganda de

largos annos como todas as sollicitações particulares que lhe foram feitas para resignar o logar de deputado ou o de director da Companhia dos Caminhos de Ferro, feitas por aquelles que ainda tinham em algum valor a causa democratica em Portugal, a qual não queriam vêr mais uma vez compromettida, a esse homem chama o sr. José de Alpoim um *homem de bem ás direitas*, registando, presuroso, os applausos com que o *Seculo* recebe os seus louvores.

Ora... valha-nos Deus, sr. José de Alpoim.

Creia que só o sentimos por si. O sr. José de Alpoim é um homem que nos merece muita consideração e, até, muita estima sem o conhecermos directamente. Sempre prestámos homenagem ao seu caracter e ao seu talento. Por isso mesmo sentimos agora, não que dê motivos a duvidas sobre o seu caracter, que os não ha para isso, mas que dê o flanco a censuras justificadas, que os miseraveis de quem se queixa hão de avolumar e desnaturar com a perfidia que nós, melhor do que ninguem, lhes conhecemos.

E' isso, essa descabidella, essa incoherencia, que sentimos.

O sr. José de Alpoim é que é para nós um homem sério. Por isso mesmo não desejariamos nunca, nem de perto nem de longe, vêl-o emparceirado com aquelles que o não são.

Assumptos tributarios

Do sr. Nobre França recebemos ha dias a carta que segue, onde se discute um assumpto muito importante.

Não faltará quem chame *lunatico* ao signatario. Como, porém, as grandes verdades teem quasi sempre partido dos *lunaticos*, é conveniente não passar por cima do assumpto da carta com a zombaria e a inconsciencia dos ignorantes.

Pelo menos, o trabalho do sr. Nobre França é originalissimo e satisfaz, como ainda não vimos outro em Portugal, ao grande desideratum da substituição d'essa rede de impostos que nos inutilisa por um imposto unico, ou duas cathegorias de impostos que lhe são equivalentes.

Entre o rotinismo e trapalhice do socialista-collectivista Fuschini, o grande sabio, e o *idealismo* do sr. Nobre França, que se diz proletario obscuro, nós vamos decididamente com este e deixamos aquelle.

Segue a carta:

Sr. redactor do «Povo de Aveiro.»—Rogo a V. a mercê de dar publicidade pelo seu jornal a esta carta, que tenho a honra de depôr nas suas mãos, e sobre cujo assumpto eu ouso chamar a attenção de V., solicitando-lhe duas palavras apenas de dicção do seu justo e elevado criterio.

Ha muito tempo que eu penso, sr. redactor, que as relações do Estado com a população deveram ser e carecem de ser mui diversas das actuaes. No nosso paiz essas relações são ainda bastante bruscas, e por ellas podemos julgar da nossa situação, tanto mental, como economica e financeira. Um dos aspectos bruscos d'essas relações é o nosso systema tributario, ao qual faltam as melhores condições de sociabilidade. Essa falta é principalmente sensivel pela interferencia preponderante, e de certo modo aggressiva, do fisco em muitos actos da vida familiar, industrial e commercial. Ao nosso fisco faltam noções democraticas, e o seu caracter tem ainda profundos vestigios dos velhos regimens. O nosso systema tributario não constitue uma excepção de dos outros povos, todavia faltam aos seus agentes aquellas condições de sociabilidade que derivam de livres instituições administrativas ou politicas.

O nosso systema tributario caracterisa-se pela sua intensidade e especificação. Temos nada menos de 122 especies tributarias, e a população que as supporta é geralmente a mais laboriosa ou a mais pobre. Os impostos recahem quasi exclusivamente sobre os mesmos pacientes, ou sobre os productos do trabalho, principalmente rural. No escripto a que me vou referir estão em parte demonstrados estes assertos, e n'elle podemos vêr monstruosidades, taes como a do imposto industrial, onde ninguem suspeita que ellas existam.

Attrahido, pois, para esta materia por circumstancias talvez fortuitas, entreguei-me ultimamente ao seu estudo, buscando uma solução que, pelo menos, me désse o prazer de conversar em familia sobre a instabilidade dos destinos humanos, que levam uns a gozar e outros a soffrer do Estado, que é cego como a fortuna e inconstante, segundo dizem, como a mulher.

O ideal que me orientou foi o descobrimento de um regimen tributario extensivo e generico, que substituisse o systema vigente de impostos intensivos e especificos; que désse ao Estado um elevado rendimento, ás camaras municipaes um abundante reddito, e á população uma ampla liberdade economica e superiores condições de bem-estar commum; sobretudo, que pozesse termo positivo á crise que ameaça cada vez mais a nossa integridade de nação.

Julgando ter resolvido o problema redigi então—durante o interregno parlamentar—um plano tributario, que destinei a ser apresentado á camara dos senhores deputados e á sua consequente publicação no *Diario do Governo*. Esta apresentação constitucional, que julguei ser simples, tem sido todavia contrariada por occorrencias sem duvida casuaes.

Depois de dar alguns passos no sentido indicado, dirigi-me ao ex.mo sr. **José Maria de Alpoim, a quem entreguei o meu manuscripto no dia 6 do corrente.** Esperando debalde por uma solução affirmativa ou negativa, soube no dia 17 que s. ex.a havia sahido ha tres ou quatro dias de Lisboa, deixando-me na impossibilidade de o apresentar na actual sessão legislativa, visto ser custosa e demorada a sua reproducção caligraphica.

E' pelo motivo exposto que eu antecipo a divulgação do meu plano, reduzindo-o a esta breve exposição.

A minha solução do problema tributario—para não dizer nacional—é a mais simples que possa ser imaginada.

Crio dois impostos unicos; um recahe sobre toda a propriedade immovel, rustica e urbana; o outro incide directamente sobre as pessoas, ou, melhor, sobre os 1 132:870 chefes de familias. Ao primeiro denomino naturalmente *imposto territorial*, e ao segundo *imposto pessoal* ou *de rendimento*.

A denominação de *imposto territorial* póde existir n'alguns paizes, mas ahi só existirá como contribuição accessoria ou concorrente com outros impostos; portanto, não é traduzida do francez ou d'outra lingua.

A sua organisação e a applicação que faço da sua taxa á propriedade urbana bem provará a sua originalidade indigena. E' d'este imposto que eu me occupo expressamente no Memorial que destinei á apresentação parlamentar, e que mais tarde darei á publicidade na sua integra.

O *imposto pessoal* é tambem original e exclusivamente meu, mas esse reservo-o eu, porque entendo que não deve nem póde ser altruista quem não tem quatro palmos de terra para ser enterrado.

Considerando que a propriedade territorial, rustica e urbana, constitue a fundamental riqueza publica e privada, que o territorio é a base da nacionalidade, e que é immutavel e perduravel através dos tempos e dos regimens politicos, considerei essa propriedade como materia collectavel por excellencia, e sobre ella baseei todo o meu plano.

O territorio do paiz—continental e insular—mede uns nove milhões de hectares. Suppondo que só metade da sua superficie constitue propriedade privada, teremos uns 45:000 milhões de metros quadrados d'essa riqueza positivamente tributavel, absolutamente attingivel.

O Estado, no regimen actual, carece, supponhamos, de 45:000 contos de rendimento; portanto, carece de tributar cada metro quadrado com 1 real de imposto annual.

Eis a solução fundamental. O imposto unico, extensivo e generico, de 1 real sobre cada metro quadrado de territorio privado, dará ao Estado um rendimento positivo de 45:000 contos.

Quaes sejam as consequencias surprehendentes d'esta solução, é o que eu descrevo resumidamente no Memorial já citado; no emtanto os leitores vão fazer idéa d'esses resultados por uma breve exposição d'elles.

Em virtude do estabelecimento do imposto territorial serão supprimidos todos os impostos indirectos, de consumo, de barreiras, do real de agua, de transito e viação, de renda de casas, predial, de tabacos, de phosphoros, de cereaes, etc., em numero de 54 especies, que extenuam e vexam a maioria da população. Com o orçamento de 1892-1893 á vista elimino mais de 22:000 contos de similhantes impostos.

A mesma taxa tributaria applico-a ao predio urbano, de modo singular. Os andares, desde as lojas ás mansardas, considero-os como territorio sobreposto. Medindo exteriormente a sua largura pelo comprimento, e multiplicando o producto pelo numero de andares, teremos a área do predio. Se o predio mede 9 metros de largura por 13 de fundo, e tem 4 andares, a sua área é de 468 metros, e a sua quota tributaria será de 468 réis.

A população, sendo o coefficiente por excellencia do valor do predio, dem-me o elemento fundamental da taxação urbana. Buscando esse elemento, achei que a expressão d'esse coefficiente deverá ser de 3/4 de real por 1:000 e fracção de 1:000 habitantes.

Assim, multiplicando a quota de 468 **réis pelos 0,75 dos 487:404 habitantes de Lisboa (segundo o censo de 1878),** fica fixado definitivamente o imposto do dito predio em 65$778 réis. No Porto, com 87:087 habitantes, o mesmo predio pagará 30$560 réis. Esta taxa prevalecerá até ao novo censo da população, tendo portanto uma duração de dez annos.

Se o rendimento do dito predio é de 500$000 réis pelo systema intensivo actual, o seu imposto, incluidos os accessorios, na rasão de 16 p. c. do seu rendimento, é de 80$000 réis em Lisboa. Logo, a propriedade urbana disfructará de uma reducção tributaria de quasi 18 por cento.

As desigualdades relativas á situação dos predios podem ser corrigidas em cada cidade, alterando a respectiva taxa para mais ou para menos, segundo os bairros ou freguezias, sejam centros de movimento e commercio, ou sejam suburbanos e industriaes. Assim, a taxa de uns deve ser augmentada tanto quanto fôr reduzida a de outros; a de uns poderá ser de 1 ou 1 1/2 real por 1:000 e fracção de 1:000 habitantes, e a de outros de apenas 1/2 real.

Pelo seu lado, a propriedade rustica, principalmente a pequena e a média, ficará alliviada de uma parte maior dos seus actuaes encargos oppressivos.

Calculando, como calcúlo, que a producção agricola é proximamente, em média, de 150$000 réis por hectare, e sendo o imposto actual de 10 p. c. sobre essa producção, ella paga positivamente 15$000 réis por hectare de terreno. No regimen que eu suscito, o seu seu imposto será apenas de 10$000 réis, o seu desaggravamento será de 33 p. c.

Se mais de metade do territorio constituir propriedade privada, ou a taxa do imposto descerá a menos de 1 real, ou o fundo de fomento rural e o do sorteio agricola, a que adiante me refiro, serão elevados directa e proporcionalmente.

Se juntarmos a estas reducções tributarias as provenientes da suppressão de todos os impostos indirectos e de consumo, teremos as condições da nossa existencia pessoal desaggravada de encargos correspondentes. Seja de contos 22:000 a somma dos impostos supprimidos e seja de 18:000 contos a somma do novo imposto pessoal, que calculámos ser essa; a differença de 4:000 contos será extincta em favor da população.

Os impostos industriaes, bancarios, os denominados de juros e rendimento, e outros, na importancia de 2:400 contos, deverão ser outhorgados ás camaras municipaes, para com os seus proprios constituirem um imposto unico, tambem extensivo e generico, de rendimento para essas corporações. Calculo que este imposto póde render 18:000 contos, e originar na economia familiar uma reducção dos impostos actuaes de 4:000 contos, como acima disse. Demais, esses 18:000 contos serão pagos por umas cem mil familias mais do que aquellas que pagam actualmente os 22:000 contos.

Subsistindo na gerencia do Estado o rendimento das alfandegas, provenientes da importação de productos extrangeiros, e diversos secundarios, e juntando-lhe uma reducção de 10 p. c. das actuaes despezas orcamentaes, será instituido um fundo de 17:000 contos annuaes. Este fundo será destinado exclusivamente á *amortisação da divida publica* fundada, interna e externa, que poderá ser totalmente paga assim, com seus juros integraes, durante o breve praso de vinte annos.

O imposto do sello e o da correspondencia postal, na importancia actual, approximada, de 3:300 contos, continuará a substituir na gerencia do Estado. Sendo, como é, muito oneroso, este rendimento será reduzido a duas terças partes, seja 2:200 contos. Esta verba será destinada exclusivamente á instituição permanente de um *fundo de fomento rural*, nas condições suggeridas no meu Memorial.

Ainda com o fim especial de suscitar a expansão affectuosa das populações rusticas, interessando directa e pessoalmente os productores agricolas, suggiro a creação de um fundo de 450 a 500 contos, que deverá ser distribuido annual e gratuitamente pelos ditos productores, em lotes e á sorte. A este fundo—que será resultante da reducção de 1 p. c. no novo rendimento do Estado—, denomino *sorteio agricola;* a seu proposito suggiro a idéa de instituir pelo seu motivo uma festa nacional, que seja commemorativa do advento de um novo regimen nacional.

Similhantemente, do rendimento das camaras municipaes será reduzida a percentagem necessaria para a instituição do *fundo de fomento industrial* e do *sorteio urbano*.

Eis em toda a sua expressiva simplicidade o mechanismo da minha creação tributaria, á qual eu ouso chamar *instituição patria*. As reflexões que ella suggere são naturalmente expansivas, e a ellas dou aliás breve curso no meu Memorial; porém, não terminarei esta sem me referir a alguns resultados d'este plano.

José Correia Nobre França.

(Conclúe.)

AU JOUR LE JOUR

Vá preparando os queixos, leitor, porque hoje vae saborear um prato de arroz doce excellentemente assucarado pelas mãos delicadas de *Azzael*.

O prato é fino de mais, talvez uma d'essas antigualhas que os collecionadores importunos farejam como perdigueiros de boa raça entre os ferros velhos da antiguidade. Causa pasmo pelos arrebiques de estylo, mas muito mais pasmo causa o arroz que n'elle vem. E' um arroz especial até hoje desconhecido. E' o padre Moysés Nora. O nome de Moysés, como que a empurrar o de Nora, consintam que assim me exprima, faz logo lembrar uma burra a tirar agua. Não quero com esta phrase depreciar de algum modo a personalidade do senhor Nora. Não. Peço até desculpa de lhe não ter sollicitado licença para falar em burra, porque, sem licença de s. revd.ma não se póde falar em tal animalidade: é uma offensa pessoal.

Mas vamos adeante, porque o leitor já deve estar com susto do que o arroz se estrague.

Elle ahi vae:

Padre Moysés Nora

(PORTUGAL—CANTANHEDE) (1)

Alto, muito posto nos seus calcanhares, elegante, sympathico, talentoso, meio espumante e todo phantasista; d'animo altivo e independente, muito accessivel ao resentimento e muito prompto ao desaggravo; o ar—meio bonacheirão, e o sentimento—todo popular; orador, jornalista e padre, eis o homem que conheço, que Cantanhede reconhece como filho, que Aveiro admirou e que Cadima possue.

Além da sua activa collaboração em outras gazetas, a "Ordem„ e muito especialmente o "Jornal de Cantanhede„ teem n'elle um verdadeiro chronista,—espero o dia em que elle venha aqui e para aqui para terem a chronica *chronica*.

Um dia lembrou-se de fazer um livro para fazer o seu nome. Quanto a mim não o conseguiu, mas acredito que ha de conseguil-o. Esse livro, cheio de defeitos e de virtudes, foi o primeiro que elle escreveu.

Além d'outros bellos predicados, Moysés Nora possue uma qualidade precisa para quem começa a escrever—é perseverante. Cheio de boa vontade e perseverante elle ha de acabar por insinuar-se e ha de ir longe. Agora está em Cadima, onde é bemquisto de todos.

Rio de Janeiro, 21—2—93.

Azzael.

(1) Extrahido da importante folha *Echos do Brazil* da secção *Galeria de homens notaveis e prestimosos nacionaes e estrangeiros.*

Hein? Docinho como mel!

Não comam tudo; deixem um pouco para o Nora e verão como as suas reverendas beiçocas começam n'um despejar continuo de baba!

Ora agora muito a sério, senhor *Azzael*.

Eu não o conheço, nunca o vi mais gordo nem mais magro, mas deixe-me ser-lhe franco, e ponha de parte toda a modestia para ouvir o que lhe vou dizer.

Ou o senhor, com certeza, é de ha muito um grande animalejo, pois d'outro modo não escreveria do Nora o que escreveu; ou ficou-o sendo desde que fez este prato de arroz de infinda doçura. Em qualquer dos casos estimo muito conhecel-o e espero que tambem ha de ir longe, como o Nora. Talvez que ainda algum dia venha a entrar n'um posto hippi-

---

FOLHETIM

—21—

OS REIS

Em 1900

VII

—Conhece-a, então?

—Conheci-a em Paris, no tempo da minha pobresa.

—Não m'o tinha dicto, Frida.

—Esperava a sua subida ao throno.

Nunca o rei, por mais que vós, monseigneur, lh'o sollicitasseis, perdoaria a Eudoxia Lataniefi.

—E julga que eu?...

—Sim, monseigneur, julgo, tenho a certesa de que lhe perdoareis. Ella foi boa para mim: foi ella que me ensinou a venerar a memoria de meu avô morto na Siberia... Ninguem, como eu, sabe quem é Eudoxia. Eudoxia é uma santa. Essa mulher, que não sonha senão com a destruição do edificio social existente, é a doçura, a caridade personificada. Parece que a estou a vêr, com a sua capa negra, e a ouvil-a amaldiçoar o velho mundo, annunciando a sua destruição com a voz lenta e pacifica de uma religiosa que entôa as suas orações. Não tinha nada seu. Quanto possuia era dos doentes e dos pobres... Emfim, monseigneur, juro-vos que Eudoxia é boa, tão boa como vós proprio e ainda que o mundo das apparencias tenha posto entre vós e ella um abysmo, juro vos que, no fundo, ambos pensaes da mesma maneira.

Hermann hesitava:

—Que Eudoxia Lataniefi seja o que dizeis aos olhos de Deus, não o duvido já, Frida. Mas não são as almas, são os actos que me compete julgar e eu tenho deveres determinados.

—Ainda agora se queixava de ser obrigado a descobrir os seus deveres; por conseguinte, não estão tão determinados como diz, monseigneur.

—Mas pense, Frida, que não posso perdoar á sua amiga sem estender o mesmo favor a todos os condemnados pelo ultimo motin e que se ha entre elles sonhadores e victimas tambem ha especuladores e tratantes.

—Estes serão salvos por aquelles. Talvez que todos esses desgraçados fiquem reconhecidos e gratos pela liberdade que lhes dér e que se resolvam a esperar da vossa bondade aquillo que estavam resolvidos a conseguir pela força. Talvez que um soberano podesse dar ao povo o que elle deseja, mas que não póde conseguir só por si, porque não é bastante habil nem intelligente para isso. Note que é uma prova que ainda não foi experimentada com inteira boa fé: todos os monarchas que até hoje teem emprehendido reformas o fizeram com pensamento reservado, ou fixaram limites que não queriam exceder. Não seria original, monseigneur, fazer o que nenhum principe ousou fazer até agora e ir até ao fim da vossa caridade?

—E supprimir-me a mim proprio? disse Hermann sorrindo.

—Oh! não, immediatamente não, respondeu Frida com ingenuidade.

E tornando-se pensativa, como que seguindo uma visão intima continuou:

—E, afinal... não sei se...

—E'-lhe, pois, inteiramente indifferente que eu seja ou deixe de ser principe, Frida?

—Não, meu amigo. Contenta-me, pelo contrario, vêr-vos poderoso, occupando sobre a terra o logar que os homens mais invejam. Mas, ao mesmo tempo... quer que lhe diga tudo?... uma coisa me inquieta: é poderdes julgar que vos amo porque sois principe! Ou se, mesmo contra minha vontade, é precisamente por isso que vos amo.

Uma verdadeira, uma sincera angustia fazia tremer a sua voz. Hermann chegou-se mais a ella. Frida consentiu, continuando:

—Mas não! Sinto que vos amo porque, apezar de principe (e accentuou esta palavra com uma malicia innocente) sois o melhor, o mais generoso, o mais suave dos homens e porque me parece que, adorando-vos, tenho a approvação de todos os desgraçados.

—Ah! joven amiga, suspirou Hermann, se eu podesse estar comtigo, vêr-te e ouvir-te sempre, sempre!...

(Continúa.

O POVO DE AVEIRO

Preço das publicações

SEM COMPETIDOR

Annuncios, cada linha . . . . . 20 réis
Repetições, idem . . . . . 40 »
Communicados e réclames, idem . . . 30 »
Publicações permanentes—ajuste especial.

Assignantes: 50 p. c. de abatimento

co. Não fazem nada de mais se o já metterem. A puxar com o Nora a uma nora isso é que nunca, porque é dar pouco valor ao prestimo da sua pessoa.

* * *

Do *Jornal do Povo*, de Oliveira de Azemeis, de sabbado ultimo:

"Fôra na verdade o prototypo da formosura quando no avelludado da sua face mimosa sobresahiam uns traços de carmim...„

Certamente pintava-se, porque *traços de carmim* na face só feitos pelo pincel! O Padre Eterno, de certo que não se occupava em fazer a cara da rapariguinha listrada como as calças d'um cavallaria.

Mais adeante diz:

„... attribuiam a pallidez das suas faces a cereaes ingeridos.„

O leitor não supponha que aqui ha contradicção, por ella ter primeiro a face *traçada de carmim* e depois apparecer pallida. A causa d'este phenomeno, diz o *Joãosito* escudando-se com o verbo attribuir, foi a ingestão de cereaes.

Sim, senhor. Comeu milho, cevada, trigo, centeio; fez de porco, de gallinha e de todos os animaes que comem cereaes.

Esta não chega a ser de cabo de esquadra, é do *Joãasito!*

E' melhor ir para a mamã.

* * *

Não posso resistir á tentação de transcrever do *Tempo*, de domingo ultimo, o fim d'um discurso obstruccionista pronunciado pelo sr. Costa Lobo na camara dos pares. O discurso do sr. Lobo tinha em vista impedir a discussão d'um projecto sobre a creação do logar d'um tabellião de notas em Ferreira do Zezere.

Eil-o:

"Sr. presidente... o tabellião de notas é uma entidade.. é uma entidade das mais importantes... o tabellião de notas faz... sr. presidente... o tabellião de notas faz muita cousa... sr. presidente... já D. Pedro I... sim Pedro I... por alguns chamado o "crú„... e por outros o "justiceiro„... sr. presidente, deu a hora, peço para ficar com a palavra reservada para... a sessão seguinte.„

* * *

ESPIRITO DO MEU CALENDARIO

Entre duas creanças:

Uma d'ellas conta que ouvira dizer á mãe que o cabello lhe estava cahindo.

A outra promptamente:

—A mãe deixou tambem cahir o d'ella n'um americano... mas o conductor veio trazer-lh'o!

—

Um amigo de Calino pediu-lhe uma vez para lhe comprar phosphoros bons. Calino trouxe-lhe os phosphoros.

—Que diabo, grita o amigo depois de tentar debalde accender o quinto ou sexto, estes phosphoros não prestam!

—Pois olhe, disse Calino, quando os comprei, eram bons; experimentei-os todos.

* * *

LYRA POPULAR

XXXVII

Dá-me a tua mão direita,
ajusta palma com palma:
aqui tens meu coração,
toma posse da minha alma.

XXXVIII

Meninas vamos á dança
até sapatos romper,
que o sapateiro é pobre,
ajudemol-o a viver.

Eu.

HOTEL CENTRAL

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO

AVEIRO

N'este hotel, montado nas melhores condições, encontram os srs. hospedes um tratamento excellente, a par d'um serviço esmeradissimo, e magnificas accommodações.

Recebe hospedes permanentes.
Preços convidativos.

—

O Hotel Central tem uma boa cocheira, acabada de construir, onde podem ser recolhidos carros, cavallos, etc.

Dr. Duarte Mendes Correia da Rocha

ADVOGADO

10, PRAÇA DO COMMERCIO, 10

AVEIRO

AO PUBLICO

JEREMIAS DOS SANTOS participa ao publico que vende excellente azeite fino pelos seguintes preços: Cada litro, 220 réis; porção de 5 litros, 1$000 réis; em maior porção, grande abatimento.

Tambem vende vinagre branco fino, de superior qualidade, a 80 reis o litro e os 20 litros a 1$200 réis.

Vendas a retalho.

LARGO DO ESPIRITO SANTO
(Ao Chafariz)

QUEIJO DA SERRA

CURADO

Chegou nova remessa ao estabelecimento de **Arthur Paes.**

ARRENDA-SE uma boa morada de casas, com primeiro andar e aguas-furtadas, e um grande salão ao rez-do-chão. E' situada á frente do bairro do Rocio, e no local mais pittoresco. Tem pateo, varanda e magnificas vistas para todos os pontos da cidade e fóra d'ella. Para vêr e tratar, com seu dono Manuel Francisco Leitão, proprietario do Hotel Central.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendâmos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

NOTICIARIO

O sulfato de cobre

Pela repartição agronomica d'este districto vão ser distribuidos profusamente uns impressos, nos quaes se combate o nocivo preconceito que corre arreigado no espirito publico de que é prejudicial á saude o vinho das cepas tratadas com a calda bordeleza para combater o *mildiw*.

E' um serviço importante que se presta. Alastra tão vivo o preconceito, que chegam a ser inventados casos de envenenamento e outros accidentes inverosimeis do apparelho gastrico. Sabemos de casos de individuos, propellidos pela imaginação exaltada tomarem como symptomas caracteristicos de intoxicação, indisposições do estomago depois de haverem bebido vinho, e, o que é mais, chegarem a beber azeite para neutralisar os *effeitos toxicos*. Embora a sciencia explique cabalmente estes factos aberrantes dos phenomenos sugestivos, é um bom serviço que se presta, jorrando alguma luz no espirito do vulgo ácerca d'um assumpto que reputâmos importante.

Emigração

Deve seguir brevemente para o Brazil uma familia d'esta cidade, composta de marido, mulher e cinco filhos.

O chefe d'esta familia é um habil entalhador, cujos meritos artisticos devem ser justamente apreciados n'aquella republica.

Inspecções

Estão designados os seguintes dias para as inspecções dos mancebos recenseados para o serviço militar, no corrente anno, por o concelho de Aveiro:

Dia 2 de agosto—Freguezia de Esgueira.
Dia 3—Freguezia da Gloria.
Dia 4—Freguezia da Vera-Cruz.
Dia 8—Freguezia de Arada.
Dia 9—Freguezias da Palhaça e Oliveirinha.
Dia 10—Freguezias de Nariz e Cacia.
Dia 11—Freguezias de Requeixo e Eixo.

A freguezia de Eirol não dá nenhum mancebo para o serviço militar.

As inspecções, como se sabe, são feitas em Ovar, no commando de recrutamento e reserva n.º 9.

Diz-se que o sr. ministro das obras publicas vem a Aveiro em visita ás fabricas das Vista Alegre e Fonte Nova.

Reducção de despezas

Baixou ordem á repartição hydraulica d'esta cidade para reduzir as despezas com o pessoal e material technico nas obras a cargo d'esta secção. Parece mesmo que se fixa a reducção de 60 p. c. sobre a média das despezas das ultimas quinzenas, estipulando no emtanto um *maximum* de despezas por cada quinzena.

Em virtude da referida ordem, consta-nos que vão ser despedidos alguns trabalhadores e operarios das obras da barra e de outras.

Despacho de trigo

No fim do corrente mez termina o praso dentro do qual as fabricas de moagens podiam despachar trigo estrangeiro, independentemente do nacional.

Collegio de N. S. da Conceição

Publicâmos em seguida o resultado dos exames a que foram submettidas as alumnas d'este collegio no presente anno, nenhuma das quaes ficou adiada:

Admissão aos lyceus.—D. Lucia Amelia Martins Ferreira Leitão, D. Magdalena Martins Ferreira Leitão, D. Maria Mello Corga, D. Lucinda Mello Corga, D. Alice de Castro Regalla, D. Maria Bibianna Pereira Leal, D. Alda Fernandes Pereira, D. Maria Amelia Duarte, D. Emilia Leitão, D. Elvira Duarte Pinho, D. Candida das Dores Carvalho, D. Deolinda Marques.

Francez.—D. Paulina da Silva Sereno, D. Maria do Céo Pardinho, D. Adilia Augusta Alvarenga, D. Adrianna Martins dos Reis.

Desenho, 1.º anno.—D. Alcina Mourão Gamellas, D. Maria José de Campos Salgueiro, D. Paulina da Silva Sereno, D. Maria do Céo Pardinho.

Desenho, 2.º anno.—D. Alcina Mourão Gamellas, D. Maria José de Campos Salgueiro.

Portuguez.—D. Alcina Mourão Gamellas, D. Maria José de Campos Salgueiro, D. Alda Osorio, D. Maria do Céo Pardinho, D. Maria da Conceição Cardote.

Epilogo d'um drama de adulterio

Os leitores lembram-se talvez do crime perpetrado no mez de março ultimo, em Miragaya, no Porto, e de que o protogonista Manuel dos Santos Vidal foi levado ao crime pelo reprehensivel procedimento de sua esposa, a quem por isso tentou assassinar.

Pois teve logar na ultima terça-feira o julgamento do réu, que, á vista da decisão do jury, foi condemnado na pena já soffrida.

Vidal quando sahia da cadeia era aguardado á porta pela esposa, a quem abraçou e beijou.

Arrozaes

Os arrozaes que, no geral, se achavam atrophiados com as irregularidades da estação, revigorisaram, e hoje ostentam um aspecto promettedor. As ultimas chuvas inundaram as marinhas, que já continham pouca agua, insufficiente para o desenvolvimento da planta.

Nos campos de Cacia, os arrozaes apresentam-se com espiga, cheia e bem creada, e na opinião de orisicultores, como não succedeu ha muitos annos.

Temos, pois, em perspectiva uma abundante colheita de arroz.

Uma engenheira

Concluiu o quinto anno do curso de engenheria civil, na Academia Polytechnica do Porto, a sr.ª D. Rita de Moraes Sarmento, filha do nosso conterraneo sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento.

E' a primeira senhora que tira o curso de engenheria em Portugal.

Variola

A variola continúa ainda em estado latente n'esta cidade. Dos casos isolados que se teem succedido, falleceu esta semana uma irmãsinha do nosso amigo José Casimiro da Silva, a quem, por tal motivo, enviâmos o nosso pezame.

Touradas

Em Mira vão realisar-se, nas proximas segunda e terça-feira, duas touradas promovidas por alguns individuos d'aquella villa. Lavra alli enthusiasmo, por causa da diversão, esperando-se que ella attráia grande concorrencia de forasteiros.

No Rio Douro vae estabelecer-se uma escola de mergulhadores, á qual poderão concorrer as praças da armada.

Expedição scientifica

Far-se-ha brevemente uma aos Açores para estudos de geologia, botanica, zoologia, climatologia e astronomia. Serão seis os expedicionarios. O fim principal d'esta expedição é fazer estudos climatologicos de applicação medica.

Singular accidente

No pequeno porto situado na costa do mar do norte, no condado inglez de Lincol, deu-se o seguinte caso:

Andavam 30 excursionistas embarcados em pequeno bote, não longe da praia, quando de repente fusilou um relampago, desapparecendo o barco quasi instantaneamente.

Dos 30 excursionistas, 27 morreram afogados ou fulminados, pois suppõe-se que a descarga electrica é que fizera afundar a pequena embarcação.

Viriato Simões Telles

Fez ha dias exame de mathematica e de physica, obtendo uma classificação brilhante, o nosso presado amigo sr. Viriato Simões Telles, um dos mais intelligentes alumnos do lyceu d'esta cidade.

Congratulâmo-nos com o feliz resultado obtido pelo nosso amigo, a quem por isso apertâmos affectuosamente a mão.

Incendio

Cerca das 3 horas da manhã de segunda-feira as torres déram signal de incendio que se manifestára na cosinha da casa do nosso amigo sr. Domingos Luiz Valente de Almeida, á Corredoura.

O sinistro não chegou a tomar grandes proporções, porque foi promptamente suffocado. Os prejuizos são, por isso, de pouco valor.

Entrou no hospital de Rio Maior o macrobio José Maria com a bonita edade de 116 annos.

Está no perfeito uso das faculdades intellectuaes, e é curioso ouvil-o discretear ácerca dos acontecimentos das invasões francezas, na primeira das quaes tinha já 28 annos.

Fallecimento

Victimado por uma lesão cardiaca, de que soffria ha muito, fallecen no Porto, no domingo, o nosso conterraneo sr. Manuel Justino.

O cadaver chegou ante-hontem á tarde á *gare* do caminho de ferro d'esta cidade, sendo em seguida conduzido ao cemiterio, onde descança no jazigo de familia.

Na *gare* organisou-se um prestito, composto de amigos do fallecido, sendo o cadaver transportado na carreta dos bombeiros.

Qui proquo engraçado no tempo de Garibaldi

Com a epigraphe *O falso Garibaldi*, conta um periodico Suisso o seguinte:

«Tinha corrido o boato de que Garibaldi vinha aos banhos de Saxon, no Cantão de Valais, e até se tinha fixado a chegada do celebre general.

Chegou esse dia e a multidão que o esperava na estação do caminho de ferro, viu descer do trem um homem d'uns 50 annos, estatura mediana e barba grisalha, acompanhado d'outro individuo, que logo se espalhou que era o general Turr.

A multidão começou a dar vivas a Garibaldi, a musica da povoação accudiu a obsequiar o estrangeiro, a municipalidade sahiu-lhe ao encontro e o recem chegado foi conduzido em triumpho até aos banhos, sem que as acclamações da gente que o cercava lhe permittissem fazer-se ouvir.

Por fim o estrangeiro ponde dizer em francez inglezado a uma deputação que se apresentava para o felicitar que o que elle queria era a sua bagagem e o seu cão.

Um dos circumstantes tratou de o tranquilisar a este respeito, e então o inglez, pois era um inglez e não Garibaldi, julgando que o escarneciam encolerisou-se e fechando os punhos, abriu caminho á força e desappareceu.»

NOTICIAS PESSOAES

Sahiu para as Caldas de Vizella, com sua esposa, o nosso amigo sr. Guilherme Augusto Pinto, digno empregado da agencia do Banco de Portugal n'esta cidade.

*

Da mesma estancia regressou hontem o nosso amigo José Gonçalves Gamellas.

FABRICA
DE MOAGEM A VAPOR

DE

MANUEL CHRISTO

N'este estabelecimento vende-se farinha de milho, a toda a hora do dia.

Compra-se milho.

ARROZ: **Compra-se arroz com casca e vende-se a retalho, já descascado.**

Em vendas por junto, faz-se abatimento.

RUA DOS TAVARES

AVEIRO

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoria geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a Debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.—Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICA legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

Contra a Tosse

Xarope Peitoral James.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICO legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

MANUAL

DO

CARPINTEIRO E MARCENEIRO

Este manual que não só trata de Moveis e Edificios, é um tratado completo das artes de Carpinteria e Marcenaria adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.ª edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este MANUAL DE CARPINTERIA E MARCENARIA contém approximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Condições de assignatura

Será distribuido em Lisboa todas as semanas, com toda a regularidade, um fasciculo de 32 paginas resguardado de uma capa com indicações importantes por o preço de 50 réis pagos no acto da entrega; para as provincias será distribuido nas mesmas condições acima pelo preço de 60 réis.

Os nossos correspondentes e distribuidores teem as garantias e descontos que a nossa casa costuma fazer.

Todas as requisições devem ser feitas aos editores

Guillard, Aillaud & C.ª

Rua Aurea, 242, 1.º — LISBOA

O REMECHIDO

Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguelista.

—

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

—

Illustrada com o retrato do biographado

——

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis, e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.

ANTONIO XAVIER PEREIRA COUTINHO

ELEMENTOS DE BOTANICA

(Primeira e segunda parte do curso dos lyceus)

ILLUSTRADO COM 236 GRAVURAS

Acha-se já á venda este livro, muito util a todos os estudantes que frequentam o curso de botanica nos lyceus.

Preço brochado, 1$000 réis.

Guillard, Aillaud & C.ª

R. Aurea, 242, Lisboa

Responsavel

JOSÉ PEREIRA CAMPOS JUNIOR

R. do Espirito Santo, 71

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA

Compendio para as escolas, em conformidade com os programmas d'ensino elementar e d'admissão aos lyceus

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

EDITORES — **BELEM & C.ª** — LISBOA.

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima producção de

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita* e *a Esposa*

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma estampa em chromo, de grande formato, representando a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahe em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes — Rua do Espirito Santo.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

AVEIRO E ARCOS DE ANADIA

GRANDE deposio de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chailes pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapéos de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encommendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encommendas quando estejam á sua vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

ESPECIALIDADE EM GABÕES

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO

DE

PORTUGAL

(Parte Continental e Insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias; superficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sédes dos concelhos; e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emissão de vales do correio, de encommendas postaes; repartições com que as differentes estações permutam malas, etc., etc.

POR

F. A. DE MATTOS

(Empregado no Ministerio da Fazenda)

O DICCIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL é dividido em fasciculos de 32 paginas, em 8.º francez, bom papel e impressão nitida, que são distribuidos pelo modico preço de 60 réis cada um, pagos no acto da entrega.

O DICCIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL formará um só volume, cujo preço não excederá a 1$400 réis.

Está publicado o fasciculo 17.

Todas as reclamações devem ser dirigidas á empreza editora do *Recreio*, rua Formosa, 2-c—LISBOA.